

agenda cultural de azambuja

RETRATO

Gonçalo
Pratas

*Gonçalo! Gonçalo!
Acorda! Arranja-te
depressa para ires
com o teu avô para a
vinha! Ele não pode
esperar! — Dizia
a minha mãe, num
tom apressado.
Eram assim muitas
manhãs dos meus
oito anos.*

Uma das muitas professoras que tive na escola primária era de Santiago do Cacém e foi colocada em Aveiras de Cima. Para não ficar longe de casa, decidi engravidar em pleno ano lectivo, e a minha escola transferiu-se para a Corriola – a vinha do meu avô Armando.

O Armando era o meu avô dos truques, dos segredos, da mula que era a Carriça, da carroça, dos ditados, da sabedoria popular, da carpintaria, das fogueiras na vinha, do torricado, da açorda com bacalhau. Era o avô sábio da sabedoria popular e humana, do respeito e do cuidado com os outros, era o avô ao contrário do tempo, do tempo material.

Dizia muitas vezes: «Andei sempre ao contrário dos outros: quando eles andavam de mula eu andava de burro, agora ando de mula e eles andam de tractor. Está tudo no “poisi” (pousio)».

A minha infância foi de carroça, e isso é uma vivência única nos tempos que correm. Foi o resto da ruralidade. Essa foi a minha escola primária.

A Corriola ainda é uma vinha, a vinha ainda lá está, todos acham que está à espera de um aeroporto e do desenvolvimento... Eu sonho construir lá uma casa, sonho adormecer a contar estrelas, sonho subir ao topo da vinha com os meus filhos e poder contemplar o monte e a serra com o monte ao pé, e contar as histórias do meu Avô.

O meu Pai, o José Luis d'Aveiras de Cima ou o Zé Luis da Aurinha (a minha mãe, dos afectos e das preocupações atentas), era o ensaiador do Rancho. É a minha grande inspiração, o meu maior amigo, o guardião da minha música, o defensor do meu território criativo; sempre foi e devo-lhe isso, a minha ligação à terra, ao repertório tradicional e às pessoas simples.

RETRATO

Às quintas-feiras à noite, a seguir aos ensaios, com 8 anos, vinha ao lado dele a cantar e a assobiar as canções que ele aprendeu com os mais velhos, e que se transformaram na minha memória mais profunda. Sinto que isso ainda é um terreno por explorar.

O tempo corria lento, no Outono o São Martinho, no Inverno era o frio e a lareira, na Primavera o verde e os campos em flor, no Verão o calor, as viagens de bicicleta de peito aberto contra o vento quente, os banhos nas barragens, os assaltos aos pomares e os serões com as vizinhas a conversar nos peais, em Setembro as vindimas, o lagar e o cheiro da adega - diz-se que Aveiras tem um clima especial e que é da mistura desse clima com as características do solo que nasce o melhor vinho, aquele que serve para inspirar as conversas tardias.

Estas memórias são a herança mais rica que tenho, ao ponto de não conseguir quantificá-la. Talvez um dia ela se transforme em música para partilhar com os outros.

Tenho sentido, ao longo das crónicas das pessoas que vão escrevendo neste espaço, que há sempre uma grande ligação às colectividades e a um estilo de vida em comunidade. Isso para mim foi muito marcante - a Filarmónica Recreativa de Aveiras de Cima e o Racho Folclórico da Casa do Povo de Aveiras de Cima são casas que me ensinaram a conhecer a música e a vivê-la em comunidade, ficarei para sempre agradecido.

Quando regresso sinto-me estranho, já não sou o mesmo miúdo, já não sou dali, as coisas que digo e penso são como uma tentativa de voltar.

Penso que as pessoas, em Aveiras, sentem ingratidão quando os que lá cresceram se vão embora, até acham que é injusto, que podiam fazer mais pela terra já que a terra lhes deu tanto. É inquietante a ambiguidade dos que partem, porque quem vai embora acaba por cortar laços, não os de infância mas os do presente.

Agora vivo na cidade, na sociedade da informação, as coisas mudaram e Aveiras também mudou. Espero que ela saiba acompanhar o tempo presente, sem perder identidade, sem perder a memória - na minha opinião a memória é a raiz, e a nossa é humilde e ao mesmo tempo nobre.

Sonho um dia poder criar um espaço em Aveiras onde possa retribuir tudo o que a terra me deu na minha infância.

Gonçalo Pratas nasceu em Aveiras de Cima.

É músico. Frequentou o curso de Áudio da Orquestra Metropolitana de Lisboa. Desenvolveu projectos de ensino: Centro Helen Keller, Gabinete de Reconversão do Casal Ventoso, EPOAE – Chapitô; actualmente é professor no Jardim Infantil Pestalozzi, em Lisboa.

Como compositor para teatro e cinema, trabalhou com José Carretas, Companhia eatral do Chiado, Companhia do Chapitô, A.S. Produções ('Ao fundo do túnel', João Pupo, 2006).

Foi autor, director e produtor musical do projecto «Buscapólos» (Música para poemas de José Jorge Letria, 2002) e dos projectos para crianças do Jornal Expresso, 2005 a 2007.

Foi co-autor, director e produtor musical do Livro CD «Canta o Galo Gordo» (poemas de Inês Pupo), Editorial Caminho, 2008.